

Vivendo de Guitarra

Camilo Carrara

Guitar Class - Como você começou a se interessar pela música?

Camilo - Foi por acaso, porque meu pai um dia resolveu aprender música. No começo eu queria aprender bateria, mas como não havia esse instrumento no conservatório, resolvi aprender violão, e tive muita sorte de ter aulas com uma professora fantástica.

Guitar Class - Quando você começou a levar a música a sério?

Camilo - Foi em 1981, quando ganhei um concurso de violão clássico tocando Bachianinha Nº 1, de Paulinho Nogueira, e algumas peças de confronto. Eu já estava no segundo ano de violão e isso me incentivou muito. Durante um bom tempo meu sonho era ser concertista, como John Williams, Julian Bream, etc. Em 1983 fui ao Festival de Brasília e conheci gente do Brasil inteiro. Foi nessa época que decidi cursar uma faculdade de música, diferente de outros adolescentes, que nem sabiam o queriam fazer da vida. Eu estava no colegial e tinha aulas no Conservatório Brooklin (SP) com Paulo Porto Alegre. Ele foi um divisor de águas na minha vida, pois me ajudou muito e disse que se eu quisesse fazer isso, teria de assistir a todos os concertos possíveis e investir muito no estudo. Foi aí que percebi o quanto de atleta você deve ser no instrumento. Durante alguns anos cheguei a estudar sete horas por dia. Estudei quatro anos com o Paulo, me preparando para a faculdade, até entrar na USP. É interessante citar que a carreira de violão na USP começou justamente no ano em que entrei, 1986.

Guitar Class - O teste da USP é muito difícil?

Camilo - Hoje em dia não sei dizer, mas recentemente um aluno meu que é superesforçado passou no teste de aptidão e, apesar de não estar num nível tão avançado, conseguiu passar no teste de percepção - que é eliminatório - e na entrevista. De um modo geral, é preciso estar bem preparado para entrar.

Guitar Class - Quais foram os maiores benefícios que a faculdade lhe proporcionou?

Camilo - Minha experiência na faculdade foi fantástica, pois tive aulas com professores do primeiro escalão. Na faculdade você tem acesso a informações que não se encontram em outros lugares, além de lhe abrir a mente. Aprendi a desenvolver muito o lado criativo, mesmo tendo de seguir o “auto-reper-

tório” que é tradição, ou seja, estudar toda a literatura clássica europeia até a música do século XX.

Guitar Class - Quando um músico vai procurar emprego, o diploma ajuda na hora da contratação?

Camilo - Na verdade, o músico vale pelo conjunto, pelo background que ele tem com o instrumento, pelo relacionamento interpessoal com o grupo, pontualidade, seriedade, etc. A vantagem da faculdade é que ela abre para você um mercado específico, que é o de pessoas graduadas. As faculdades e muitas escolas exigem o diploma na hora de contratar um professor.

Guitar Class - Quando você começou a fazer shows?

Camilo - Desde a época do conservatório eu fazia grupos de câmara, duo, trio, e muitas vezes fiz eventos, apresentações em shoppings, etc., tocando repertório clássico.

Guitar Class - Você conseguia se manter com esses shows?

Camilo - Sempre tive suporte da minha família - o que é uma sorte - e nessa época de formação eu morava com meus pais e tinha tempo para me dedicar à música. Mas tive uma deficiência no sentido de preparação para entrar no mercado de trabalho. Talvez por conta da despreocupação das pessoas que estavam ao meu lado, que tinham uma visão mais humanista e menos mercadológica da coisa.

Guitar Class - E a sua transição para o mercado de trabalho, foi natural?

Camilo - Sim, pois quando você está trabalhando com muita intensidade, as pessoas que estão dentro do sistema percebem, e quando aparece algum trabalho que não é muito importante para elas, elas acabam indicando e dando boas referências. Comigo aconteceu assim, os trabalhos foram aparecendo por meio de indicação. Hoje eu indico meus alunos mais esforçados e dedicados.

Guitar Class - Quando se interessou pela música brasileira, seu entusiasmo pelo violão clássico manteve-se intacto?

Camilo - Eu costumo dizer que transito entre os dois campos. Claro que hoje não consigo tocar peças de alto padrão, assim como não tenho acesso a determinados ritmos de música brasileira, como partido alto. Posso tocar um partido alto filtrado, mas não vai ser como um cara que toca partido alto num boteco.

Guitar Class - Na hora de acompanhar artistas, como você encara o fato de ter de tocar músicas puramente comerciais, sem nenhum valor artístico?

Camilo - Fazendo um paralelo com artes marciais, a formação que tive foi de

“samurai”. Passei por situações das mais variadas. Dependendo do contexto, uma música apresenta somente 10% da capacidade total do músico. Muitas vezes chega a ser frustrante, mas supre-se da seguinte forma: fazendo o serviço pela obrigação, para ganhar dinheiro, sem deixar de investir naquilo que se acredita. É isso o que eu faço. Estou sempre me desafiando e aprendendo coisas novas, e vejo isso como uma obrigação que tem de ser cumprida.

Guitar Class - Mas se na maioria das situações o músico usa apenas 10% do seu conhecimento, vale a pena estudar tanto?

Camilo - Eu acho que o músico que tem essa mentalidade está fadado ao fracasso, porque com o passar do tempo, enquanto esse indivíduo permanece no mesmo nível, outros que estudam estarão evoluindo cada vez mais, obtendo uma ótima formação, tendo aulas com bons professores, etc. Uma pessoa que não investe na formação será banida do sistema. Acho que, apesar da baixa qualidade, o mercado está cada vez mais exigente e competitivo.

Guitar Class - Como você consegue viver exclusivamente de música?

Camilo - Sempre fiz coisas bem variadas. Aulas particulares no Conservatório do Brooklin e na ULM. No ano que vem está quase tudo certo para dar aulas de guitarra na Faculdade Cantareira. Toquei em muitas peças de teatro, inclusive fiquei durante dois anos e meio tocando e atuando numa peça chamada *Villa-Lobos das Crianças*, que ficou em cartaz no Teatro Cultura Artística. Tocava cavaquinho, sanfona e diversos instrumentos. Isso foi na segunda metade dos anos 80. Depois de um tempo, deu a louca e fui pra Europa, de aventureiro mesmo, e durante sete meses fiquei tocando na rua. Para tocar na rua você tem de seduzir as pessoas, só assim elas lhe darão dinheiro. Então inventei um pot-pourri maluco, misturando música clássica com popular, e usei minha experiência como ator fazendo coisas circenses na maior cara de pau (risos).

Guitar Class - E as pessoas davam dinheiro? Quanto você ganhava?

Camilo - Na época em que fiquei em Londres, por volta de 1989, eu saía pra tocar todo dia, durante uma hora e meia. Eu recebia uma média de 20 pounds por dia, quase 40 dólares. Tinha dia em que estava tocando e de repente um cara sacava uma nota de 10 pounds. É claro que dava umas osciladas, mas de um modo geral era uma boa grana. Eu deixava uma caixinha com as moedinhas e as pessoas iam colaborando. Quando voltei para o Brasil, decidi estudar mais e fiz vários cursos. Nessa época comecei a entrar no circuito para acompanhar cantores. A primeira cantora de nome que acompanhei

foi a Alaíde Costa, por indicação do Conrado Paulino, que foi meu professor.

Guitar Class - Como é acertado o cachê de sideman?

Camilo - É superflexível. Depende muito da estrutura do artista. No caso da Zizi Possi, por exemplo, eu recebia uma tabela e meia, fazendo quase 20 shows por mês. Mas artistas desse nível geralmente são bem exigentes. Só para dar um exemplo, a Zizi exigia uma disciplina monumental. Em determinados momentos chegava a ser tenso tocar com ela, pois o padrão de qualidade era altíssimo. Muitas vezes a passagem de som chegava a durar três horas!

Guitar Class - Como é possível viver de música atualmente?

Camilo - A gente faz parte de um contexto de trabalho em que você pode ser duas coisas: prestador de serviço ou empreendedor. Por exemplo, os artistas são empreendedores. Alguns instrumentistas que são empreendedores: Paulo Belinatti, Egberto Gismonti, Hermeto Pascoal, etc. Fazendo uma análise de mercado, percebemos que esses dois grupos têm desafios e vantagens. No caso do prestador de serviço, é um profissional como outro qualquer, um encanador, um dentista, etc. Como ele pode se diferenciar dos outros? Justamente pelo conjunto de informações agregadas. O que ele pode oferecer, o quanto ele se recicla, o grau de eficiência, etc. Isso do ponto de vista técnico, pois o profissional qualificado já é diferenciado, mas só isso não basta. Ele tem de exteriorizar a música. Pontualidade, alto astral, visual e energia boa também são detalhes que pesam muito. Acho que a auto-avaliação é muito importante. Se o sujeito não for aceito para entrar numa banda, ele deve fazer uma autocritica para saber qual foi o motivo que o levou à desaprovação. Muitas vezes são coisas exteriorizadas, como a roupa que ele vestiu naquele dia, ou outro detalhe banal. Como prestador de serviço, tem-se o problema de ganhar por hora trabalhada. Por isso é necessário calcular um meio de manter o equilíbrio. O lado empreendedor é quando um sujeito cria uma idéia. Ele precisa saber como vender essa idéia, que pode ser em forma de produto. Os empreendedores são as pessoas que empregam, que aglutinam um grupo de profissionais em volta dela. Os cantores geralmente têm esse ímpeto. Os bons empreendedores têm de saber motivar as pessoas ao seu redor. Pode ser pela motivação financeira, pelo reconhecimento, pelo desafio, enfim, técnicas de motivação empresarial. Infelizmente, no contexto da música, isso não é muito claro.

Guitar Class - E você acha que os músicos de forma geral têm consciência desses dois grupos?

Camilo - Por que 90% dos músicos estão insatisfeitos? Porque eles não percebem esses pequenos detalhes que fazem parte da realidade. Afinal, são profissionais autônomos como outros quaisquer. Só que isso envolve também uma concepção política e até sociológica, porque o músico está oferecendo um serviço que não é de primeira necessidade. A inversão de valores chegou a tal ponto que num país de terceiro mundo a cultura é considerada supérflua. E o músico tem de saber que está oferecendo o "supérfluo". Obviamente, na hora do aperto essa é a primeira coisa a ser retirada do orçamento.

Guitar Class - Qual seria a melhor saída nesse caso?

Camilo - Na música, você pode trabalhar em três áreas: no entretenimento, na cura - como musicoterapia - e na educação. Noventa por cento são entretenimento. Sendo assim, o profissional tem de se fazer a pergunta: "Quem eu vou entreter?" Vejo que a maioria dos músicos não pensa desse jeito. Tem a história de um rapaz que tinha um amigo que não via há anos, e quando o reencontrou, viu que ele estava milionário. Quando perguntou o que ele havia feito pra ganhar tanto dinheiro, o milionário disse: "A primeira coisa que você precisa fazer é perguntar onde está o dinheiro..."

Guitar Class - Que dica você daria para o músico ser um bom prestador de serviços?

Camilo - Se você prestar atenção, o músico presta serviço de uniforme. O instrumentista é um intérprete. O que significa ser um bom intérprete? Para cada estilo há uma linguagem específica, que o intérprete tem de dominar. Quando um empreendedor contrata pessoas para trabalharem com ele, é a assinatura dele que está em jogo. Se você está lá, é porque ele percebeu que pode acrescentar algo ao trabalho dele. Se ele mudar de idéia e quiser fazer outra coisa, não tem de reclamar de nada. É como alguém que está precisando de um encanador e você é um electricista que naquele momento não terá nenhuma utilidade. Se você é um guitarrista que toca muitos estilos, tem um perfil para acompanhar artistas e para trabalhar em situações que requerem muita versatilidade. Se você é um especialista em determinado instrumento ou estilo, vai trabalhar somente dentro daquela linha, mas vai ganhar muito mais, pois são poucos os que se especializam. Você vai ser pescado pelo mercado. Por exemplo, se um cara de determinada produtora resolve gravar uma faixa com alaúde, quem toca alaúde? Ele vai encontrar alguns gatos pingados. Resumindo, há espaço para ambos, mas os caminhos são distintos.


Guitar Class - Como você acha que a

diferença de classe social interfere na formação do músico?

Camilo - Nos dias de hoje os músicos mais atuantes estão vindo de uma camada mais elevada da sociedade, pois possuem suporte familiar e, conseqüentemente, sobra mais tempo para estudar. Pessoas de origem mais simples têm de batalhar mais. As pessoas que se sobressaem e que não contam com esse suporte familiar vencem pelo talento e pelo esforço. Aí elas entram rasgando.

Acho que o tempo de formação é essencial, porque no futuro, quando aparecerem vários trabalhos, você não terá mais tanto tempo para estudar. Se o adolescente resolveu fazer música aos 16 anos, ele tem de se preparar durante uns 10 anos para entrar no mercado de trabalho, para poder dizer que é um músico de verdade, que lê, toca, tira de ouvido, porque bico é o que mais tem por aí. Esse adolescente estará na sua fase mais produtiva aos 30 anos de idade. Obviamente muita gente chega na fase produtiva aos 20 anos, mas são exceções. Acontece muito do sujeito entrar para o mercado de trabalho precocemente e sofrer sérias conseqüências no futuro. Para mim, o melhor exemplo está nas artes marciais. Você tem um trilha para percorrer. Se tem 30 anos e junto com você entra um garoto de 5, ambos terão a mesma idade, pois é o mesmo caminho. É lógico que para cada um o trilha terá curvas diferentes, mas todos, em épocas específicas, têm a mesma meta a ser cumprida. Vale lembrar que metas de longo prazo são fundamentais, mas elas dependem das metas de curto prazo.

Guitar Class - Qual é a sua dica final para os leitores?

Camilo - Se o indivíduo questionar: "Não sei se faço música ou outra coisa", ele já estará entrando num processo racional. Eu nunca tive essa dúvida. Sempre fui me envolvendo cada vez mais com a música e quando percebi já estava dentro. Quando se está num processo de racionalidade, a melhor saída é buscar opiniões para não se arrepender depois. Essa semana eu tive uma conversa com um aluno que queria viver só de música, e fui muito franco com ele ao dizer que querer não é poder. Poder é um verbo de competência. Você adquire. O que você vai poder prestar de serviço? No começo terá trabalhos com cachês menores. Se tiver condições, tudo bem, senão, encare como hobby. A música pode perfeitamente ser levada como hobby, pois ela não se reduz somente ao mercado de trabalho. A música é muito mais do que isso. Ela nos leva a dimensões inimagináveis, causando sensações impossíveis de se encontrar em outro lugar. 

Blue in Green /TEMA

Este tema é uma balada composta pelo lendário trompetista Miles Davis. Por ser originalmente escrito para trompete, as notas são de longa dura-

ção, o que facilita muito a leitura. O tema é bem fácil de ser tocado e possui uma melodia e uma divisão rítmica sem maiores complicações. O que chama

mais a atenção é a harmonia, que trabalha sobre as cadências de Dm (V - I), Cm (Sub V - I), Bb (V - I) e Am (V - I), e a estrutura, que é circular.

Autor: Miles Davis

Blue in Green /IMPROVISO

Camilo criou esse improviso usando uma levada de bossa nova. As escalas utilizadas foram as seguintes: lídio (com-

passos 1, 5 e 11), dominante harmônica (compassos 2, 6 e 8), dórico (compassos 3, 4, 7, 10 e 13), mixolídio 4# (compas-

so 3), domdim (compasso 4) e dominante alterada (compasso 12).

Blue in Green /CHORD MELODY

Neste exemplo, Camilo harmonizou praticamente todas as notas da melodia, exceto passagens muito rápidas como

no compasso 6, no qual uma provável harmonização deixaria a seqüência muito densa. É interessante notar que a mai-

oria das notas do tema são notas de extensão, como 4#, 9#, etc.

Blue in Green /WALKING

Por se tratar de uma balada, Camilo Carrara optou por fazer a melodia nas notas mais graves juntamente com a harmonia, numa espécie de chord

melody com a melodia no baixo. Note que algumas extensões foram eliminadas e os acordes fundamentais foram mais utilizados. Há dois chorus, sen-

do que o primeiro vai até o compasso 10. Repare que o segundo chorus é tocado numa região mais grave.